

Romance

AMOR CRUEL

Autora de *Um Caso Perdido* e *Uma Nova Esperança*

COLLEEN
HOOVER

N.º 1 DO *NEW YORK TIMES*

O seu coração nunca esquecerá esta história maravilhosa.

TOP
SEL
LER

*Para as minhas duas melhores amigas,
que também são, por acaso, minhas irmãs,
Lin e Murphy.*

capítulo um

TATE

— Alguém lhe deu uma facada no pescoço, minha querida.

Arregalo os olhos, e volto-me lentamente em direção ao velho que está ao meu lado. Ele carrega no botão do elevador e encara-me. Sorri e aponta-me para o pescoço.

— O seu sinal — diz ele.

Levo instintivamente a mão ao pescoço, e tateio o sinal do tamanho de uma moeda pequena mesmo ao lado da orelha.

— O meu avô costumava dizer que o sítio de um sinal de nascença conta a história de como morremos numa vida anterior. Acho que a menina levou uma facada no pescoço. Mas deve ter sido uma morte rápida.

Sorrio, mas não sei se devo ter medo ou achar graça. Apesar deste início de conversa um pouco mórbido, o homem não parece assim tão perigoso. A sua postura curvada e os tremores denunciam que não pode ter menos de 80 anos. Lentamente, dá uns passos em direção a uma das duas cadeiras de veludo encarnado encostadas à parede ao lado do elevador. Solta um gemido quando se afunda no assento e depois volta a olhar para mim.

— Vai para o 18.º andar?

Semicerro os olhos enquanto registo a pergunta. Estranhamente, sabe o andar para onde vou, apesar de ser a primeira vez que ponho os pés neste prédio e de ser também, não tenho a menor dúvida, a primeira vez que vejo aquele homem na vida.

— Sim — respondo cautelosamente. — Trabalha aqui?

— Sim, é verdade.

Aponta para a porta do elevador com a cabeça, e o meu olhar segue para os números iluminados por cima da porta. Faltam onze andares para chegar. Rezo para que seja rápido.

— Carrego nos botões do elevador — explica ele. — Acho que não existe um nome oficial para a minha função, mas gosto de dizer que sou comandante de bordo, uma vez que faço com que as pessoas voem no ar até aos vinte andares.

Aquilo faz-me sorrir, pois tanto o meu pai como o meu irmão são pilotos.

— Há quanto tempo é que é comandante de bordo deste elevador? — pergunto-lhe, enquanto espero.

Juro que é o elevador mais lento que já vi.

— Desde que sou demasiado velho para trabalhar na manutenção do prédio. Trabalhei aqui durante trinta e dois anos, antes de me tornar comandante. Agora, há mais de quinze anos que controlo estes voos, acho eu. O dono deu-me este emprego por pena, para me ocupar até morrer — diz ele, sorrindo para si mesmo. — O que ele não percebeu ainda é que Deus me deu muitíssimas coisas para fazer na vida e, por esta altura, estou tão atrasado que não vou morrer *nunca*.

Começo a rir, quando a porta do elevador finalmente se abre. Baixo-me para agarrar a pega da minha mala de viagem e volto-me mais uma vez para ele antes de entrar.

— Como é que se chama?

— Samuel, mas trate-te por Comandante — responde ele. — É como toda a gente me chama.

— Tem algum sinal de nascença, Comandante?

Sorri.

— Por acaso, tenho. Pelos vistos, na minha vida passada, levei um tiro certo no rabo. Devo ter-me esvaído em sangue.

Sorrio e levo a mão à testa, despedindo-me como uma continência. Entro no elevador e viro-me para as portas abertas, admirando as extravagâncias do átrio da entrada. Parece mais um hotel histórico do que um prédio de habitação, com umas colunas enormes e o chão em mármore.

Quando o Corbin me disse que podia ficar em sua casa até arranjar um emprego, não fazia ideia de que ele vivia assim, como um adulto. Pensei que iria ser como na última vez que o visitei, logo depois de ter acabado o liceu, quando ele se começava a preparar para tirar o *brevet* de piloto. Foi há

um prédio manhoso de dois andares e quatro anos atrás. Era disso que estava à espera.

Do que não estava mesmo nada à espera era de um arranha-céus em pleno coração de São Francisco.

Encontro os botões e carrego no 18.º andar, depois olho para as paredes espelhadas do elevador. Passei o dia de ontem e praticamente esta manhã a pôr numa mala tudo aquilo que tenho, no meu apartamento em San Diego. Felizmente, não possuo muita coisa. Mas, depois de ter feito sozinha a viagem de carro de oitocentos quilómetros, o cansaço que sinto é bastante evidente no meu reflexo. Tenho o cabelo apanhado num carrapito lasso no cimo da cabeça, preso com um lápis, porque não consegui encontrar um elástico enquanto guiava. Geralmente, os meus olhos são castanhos, da mesma cor de avelã do meu cabelo, mas neste momento parecem dez tons mais escuros, graças às olheiras.

Tiro da carteira um batom do cieiro, na esperança de salvar os lábios antes de terem um ar tão acabado como o resto do meu corpo. Mal as portas do elevador se iam começar a fechar, abrem-se outra vez. Vem um tipo a correr, preparando-se para entrar enquanto cumprimenta o velho.

— Obrigado, Comandante — diz ele.

De dentro do elevador, não consigo ver o Comandante, mas oiço-o a balbuciar qualquer coisa como resposta. Não parece mesmo nada ter a mesma vontade de fazer conversa com este tipo como teve comigo. Parece ter vinte e muitos anos, no máximo. Sorri para mim, e sei exatamente em que é que está a pensar, tendo em conta que acaba de meter a mão esquerda no bolso.

A mão onde traz a aliança.

— Décimo andar — diz ele, sem desviar o olhar de mim.

Os seus olhos aterram no pequeno decote deixado aberto na minha camisa, e depois olha para a mala que tenho ao meu lado. Carrego no botão do décimo andar. *Devia ter vestido uma camisola.*

— Está a mudar-se para cá? — pergunta ele, voltando a olhar descaradamente para a minha camisa.

Aceno com a cabeça, mas duvido que tenha visto, pois tem o olhar bastante afastado da minha cara.

— Para que andar?

Nem penses nisso. Chego-me para o lado e tapo todos os botões com as mãos para esconder a luz do 18.º andar, que está acesa, e depois carrego em todos os botões entre o 10.º e o 12.º. Ele olha para lá, baralhado.

— Não é da sua conta — respondo-lhe.

Ele ri-se.

Acha que estou a brincar.

Arqueia uma das suas sobrancelhas grossas e escuras. É uma bela sobran-
celha. Presa a uma bela cara, que está presa a uma bela cabeça, que por sua
vez está presa a um belo corpo.

Um corpo *casado*.

Idiota.

Sorri de maneira sedutora, depois de me ver a olhar para ele — só
que eu não estava a olhar da maneira que ele acha que estava. Pensava em
quantas vezes aquele corpo já esteve em cima de uma rapariga que não era
a sua mulher.

Sinto pena da mulher dele.

Está a olhar de novo para o meu decote quando chegamos ao décimo
andar.

— Posso ajudá-la com isso — diz ele, apontando para a minha mala com
um aceno de cabeça.

Tem uma voz agradável. Quantas raparigas terão já ido na conversa da-
quela voz de homem casado. Avança na minha direção e tem o descaramento
de carregar no botão que fecha as portas.

Olho-o fixamente e carrego no botão para as abrir.

— Não é preciso.

Faz um aceno como se tivesse percebido, mas o seu olhar tem ainda um
brilho malicioso que só confirma a antipatia imediata que sinto por ele. Sai do
elevador e volta-se para olhar para mim, antes de se ir embora.

— Até logo, Tate — diz ele, quando a porta já se está quase a fechar.

Faço uma careta, sentindo-me bastante desconfortável com o facto de que
as duas únicas pessoas com quem falei desde que entrei no prédio já soubes-
sem quem eu sou.

Fico sozinha no elevador, enquanto ele vai parando em todos os andares
até chegar ao 18.º. Saio, tiro o telefone do bolso e abro as mensagens que tro-
quei com o Corbin. Não me lembro de qual era o número do apartamento.
O 1816 ou o 1814.

Talvez seja o 1826?

Paro em frente ao 1814 porque está um tipo prostrado no corredor, encos-
tado à porta do 1816.

Deus queira que não seja o 1816.

Encontro a mensagem e estremeço. É o 1816.

Só podia ser.

Avanço devagar para a porta, tentando não acordar o tipo. As pernas estão esticadas e as costas apoiadas na porta do Corbin. Tem o queixo caído contra o peito, e está a ressonar.

— Desculpe — digo eu, quase num murmúrio.

Não se mexe.

Levanto a perna e dou-lhe um toque no ombro com o pé.

— Preciso de entrar neste apartamento.

Ele estremece, depois abre lentamente os olhos e fica a olhar para as minhas pernas.

Tem o olhar fixado nos meus joelhos e franze o sobrolho enquanto se inclina lentamente para a frente com uma careta. Levanta a mão e toca-me com um dedo no joelho, quase como se nunca tivesse visto um na vida. Deixa cair a mão, fecha os olhos e volta a adormecer encostado à porta.

Ótimo.

O Corbin só volta amanhã, por isso ligo-lhe, para saber se este tipo é alguém que mereça a minha preocupação.

— Tate? — pergunta ele, atendendo o telefone sem dizer olá.

— Sim — respondo. — Cheguei bem, mas não posso entrar em tua casa, porque está um bêbedo desmaiado em frente à porta. Tens alguma ideia do que posso fazer?

— Dezoito dezasseis? — pergunta. — Tens a certeza de que estás no apartamento certo?

— Absoluta.

— Tens a certeza de que ele está bêbedo?

— Absoluta.

— Que estranho — diz ele. — O que é que ele tem vestido?

— Para que é que queres saber o que tem ele vestido?

— Se está com uma farda de piloto, o mais provável é que viva aí no prédio. Eles têm um contrato com a nossa companhia.

Este tipo não está a usar qualquer tipo de farda, mas não consigo deixar de reparar que as calças de ganga e a t-shirt preta lhe assentam muito bem.

— Não, não está fardado — respondo.

— E não consegues passar sem acordá-lo?

— Só se o chegasse para o lado. Se abrir a porta, ele cai para dentro de casa.

Fica em silêncio por uns instantes enquanto pensa.

— Vai lá abaixo e pergunta pelo Comandante — sugere. — Eu disse-lhe que chegavas hoje. Ele ajuda-te a entrar em casa.

Suspiro porque vim seis horas a guiar e não me apetece mesmo nada ter de voltar a descer. E também suspiro porque o Comandante é, provavelmente, a última pessoa que me pode ajudar a resolver este problema.

— Fica comigo ao telefone enquanto tento entrar.

Gosto muito mais do meu plano. Seguro o telefone com o ombro e começo a procurar dentro da carteira a chave que o Corbin me mandou. Insiro-a na fechadura e começo a abrir a porta mas, a cada centímetro que ela se mexe, o bêbedo vai caindo para trás. Solta um gemido, mas não volta a abrir os olhos.

— Que pena estar a cair de bêbedo — digo ao Corbin. — Até é engraçado.

— Tate, entra em casa e tranca a porta para eu poder desligar.

Reviro os olhos. Continua a ser o mesmo irmão autoritário de sempre. Já sabia que vir viver com ele não iria ser bom para a nossa relação, tendo em conta a maneira paternalista como me tratava quando éramos mais novos. Mas não tive tempo de arranjar um emprego, um apartamento só para mim e assentar antes que comesçassem as aulas, por isso, não tive outra escolha.

Mesmo assim, espero que as coisas entre nós estejam diferentes. O Corbin tem 25 anos e eu 23, e, se não conseguirmos dar-nos melhor do que em crianças, quer dizer que ainda nos falta muito para sermos adultos.

Acho que depende sobretudo do Corbin, e do que ele possa ter mudado desde a última vez que morámos juntos. Tinha problemas com todos os meus namorados, com todos os meus amigos, com todas as minhas escolhas — até com a universidade que eu escolhi. Não que eu alguma vez tivesse ligado às suas opiniões. A distância e o tempo que passámos afastados nos últimos anos parecem tê-lo feito deixar-me em paz, mas vir morar com ele vai ser o derradeiro teste à nossa paciência.

Ponho a carteira ao ombro, mas fica presa na pega da mala, por isso, deixo-a cair para o chão. Com a mão esquerda agarro a maçaneta com força e fecho a porta para o tipo não cair completamente para dentro de casa. Levanto o pé e, empurrando-o pelo ombro, tento afastá-lo do meio da porta.

Nem se mexe.

— Corbin, ele é muito pesado. Vou ter de desligar para poder usar as duas mãos.

— Não, não desligues. Põe o telefone no bolso, mas não desligues.

Olho para a camisa larga e as *leggings* que trago vestidas.

— Não tenho bolsos. Vais para dentro do soutien.

Oiço o Corbin balbuciar qualquer coisa enquanto enfio o telefone no soutien. Tiro a chave da porta e atiro-a para dentro da carteira, mas não consigo acertar e cai ao chão. Baixo-me para agarrar no bêbedo, para afastá-lo do caminho.

— Vá lá — digo, tentando tirá-lo do meio da porta. — Desculpa estar a interromper a tua sesta, mas preciso de entrar em casa.

Nem sei bem como, mas consigo encostá-lo à ombreira para que não caia para dentro de casa, e depois empurro a porta e volto-me para pegar nas minhas coisas.

Sinto uma coisa quente agarrar-se ao meu tornozelo.

Fico estática.

Olho para baixo.

— Larga-me! — grito-lhe, dando pontapés à mão que está a agarrar o meu tornozelo com tanta força que, tenho a certeza, vai deixar uma nódoa negra.

O bêbedo está a olhar para mim e, como não me larga, caio de costas para dentro de casa quando tento soltar-me.

— Preciso de entrar aí — murmura ele, quando aterro com o rabo no chão. Tenta empurrar ainda mais a porta com a outra mão, e eu entro imediatamente em pânico. Puxo as pernas para dentro de casa, e a mão dele vem agarrada a mim. Com a perna que tenho livre, consigo fechar a porta, acertando-lhe mesmo no pulso.

— Merda! — grita ele.

Está a tentar puxar a mão, mas o meu pé continua a fazer pressão contra a porta. Faço um pouco menos de força para que ele possa tirar a mão, e depois fecho imediatamente a porta com o pé. Levanto-me e tranco-a, com a tranca e a corrente, o mais depressa que consigo.

Assim que o meu coração consegue bater mais devagar, começa a gritar comigo.

O meu coração está mesmo a gritar comigo.

Com uma voz masculina grave.

Parece que está a gritar: «Tate! Tate!»

Corbin.

Olho para o peito, tiro o telefone do soutien e ponho-o na orelha.

— Tate! Responde!

Estremeço e afasto o telefone do ouvido.

— Estou bem — digo-lhe, sem fôlego. — Já estou cá dentro. Tranquei a porta.

— Meu Deus! — responde, aliviado. — Apanhei um susto de morte. Mas o que é que se passou?

— Ele estava a tentar entrar. Mas já tranquei a porta.

Acendo a luz da sala e mal dou três passos quando paro de repente.

Boa, Tate.

Volto-me lentamente para a porta depois de me aperceber do que fiz.

— Corbin?... — digo, e calo-me por uns instantes. — Acho que deixei lá fora umas coisas que me fazem falta. Eu ia buscá-las, mas o bêbedo acha que tem de entrar no teu apartamento, por uma razão qualquer, por isso, não volto a abrir a porta nem por nada. Tens alguma sugestão?

Fica em silêncio por uns segundos.

— O que é que deixaste lá fora?

Não quero responder, mas digo:

— A mala.

— Bolas, Tate — resmungo ele.

— E... a minha carteira.

— O que é que a tua carteira está a fazer lá fora?

— E também é possível que tenha deixado no chão as chaves do apartamento.

Nem sequer me responde. Só resmungo.

— Vou ver se o Miles já chegou a casa. Dá-me dois minutos.

— Espera. Quem é o Miles?

— Mora mesmo em frente. Faça o que fizeres, não voltes a abrir a porta até eu te ligar.

Ele desliga, e eu encosto-me à porta de casa.

Ainda só moro em São Francisco há meia hora e já estou a dar problemas. Fantástico. Tenho muita sorte se ele me deixar ficar cá em casa até eu encontrar um emprego. Espero que não demore muito tempo, tendo em conta que concorri a três vagas para enfermeira num hospital aqui perto. Posso ter de trabalhar à noite, ou aos fins de semana, ou as duas coisas, mas vou

aceitar o que vier para não ter de mexer nas minhas poupanças enquanto estiver a estudar.

O telefone começa a tocar. Deslizo o polegar pelo ecrã para atender.

— Estou.

— Tate?

— Sim — respondo, sem saber bem porque é que ele tem de confirmar se sou eu.

Ele ligou-me, quem mais poderia ter atendido, com uma voz igual à minha?

— Consegui falar com o Miles.

— Ainda bem. Ele vai ajudar-me a ir buscar as minhas coisas?

— Não é bem isso — responde ele. — Vou precisar que me faças um enorme favor.

Deixo cair a cabeça contra a porta. Tenho a sensação de que os próximos meses vão ser cheios de favores inconvenientes, uma vez que ele sabe que me está a fazer um favor enorme em deixar-me ficar aqui. Lavar a loiça? Lá vou eu. Tratar da roupa? Lá vou eu. Fazer as compras? Lá vou eu.

— Do que é que precisas? — pergunto.

— O Miles precisa da tua ajuda.

— O vizinho?

Calo-me assim que percebo tudo, e fecho os olhos.

— Corbin, por favor não me digas que o tipo a quem ligaste para me proteger do bêbedo é o bêbedo.

O Corbin solta um suspiro.

— Preciso que vás destrancar a porta e que o deixes entrar. Deixa-o dormir no sofá. Amanhã de manhã já aí estou. Assim que ele estiver sóbrio, já vai saber onde está e volta logo para casa.

Abano a cabeça.

— Mas que raio de prédio é este em que estás a viver? Tenho de me ir preparando para ser apalpada por bêbedos de cada vez que entrar em casa?

Um longo silêncio.

— Ele apalpou-te?

— Apalpar talvez seja um exagero. Mas agarrou-me o tornozelo.

O Corbin solta um suspiro.

— Faz só isto por mim, Tate. Liga-me quando ele e as tuas coisas já estiverem dentro de casa.

— Está bem — balbucio, apercebendo-me da preocupação na voz dele.

Desligo e abro a porta. O bêbedo cai para cima do ombro, e o telefone salta-lhe da mão e aterra no chão ao lado da cabeça. Viro-o para cima e olho para ele. Ele semicerra os olhos e tenta olhar para mim, mas as pálpebras voltam a fechar-se.

— Não és o Corbin — murmura.

— Não. Não sou. Mas sou a tua nova vizinha e, pelos vistos, vais ficar a dever-me cinquenta chávenas de açúcar, no mínimo.

Agarro-o pelos ombros e tento que ele se sente, mas nada. Acho que não é capaz, na verdade. Como é que alguém consegue ficar bêbedo desta maneira?

Pego-lhe nas mãos e arrasto-o, centímetro por centímetro, para dentro do apartamento. Largo-o assim que entra o suficiente para que eu consiga fechar a porta. Agarro nas minhas coisas e tranco a porta. Vou buscar uma das almofadas do sofá, ajeito-lha debaixo da cabeça dele e viro-o de lado, para o caso de vomitar enquanto dorme.

E não vou fazer mais nada por ele.

Deixo-o a dormir confortavelmente no meio da sala e vou ver o resto do apartamento.

Só na sala cabem três salas do último apartamento do Corbin. A parte da mesa de jantar é aberta, mas a cozinha está separada por um muro. Há vários quadros contemporâneos pendurados na sala, e os sofás beges deixam brilhar as cores vivas. Na última vez que fiquei em casa dele, tinha um colchão, um pufe e cartazes de modelos nas paredes.

Acho que o meu irmão está finalmente a ficar adulto.

— Estou impressionada, Corbin — digo em voz alta enquanto passo de divisão em divisão, acendendo as luzes todas, inspecionando aquela que vai ser a minha casa por uns tempos.

De certa maneira, irrita-me que seja tão boa. Vai ser mais difícil querer ter a minha própria casa, quando tiver poupado dinheiro suficiente.

Vou até à cozinha e abro o frigorífico. Há uma fila de condimentos na porta, uma caixa com um resto de pizza na prateleira do meio e um pacote de leite totalmente vazio na de cima.

Claro que não tem comida em casa. Não posso esperar que tenha mudado *completamente*.

Pego numa garrafa de água e vou à procura do sítio onde vou viver durante as próximas semanas. Há dois quartos, por isso, vou para o que não é do Corbin e pouso a mala em cima da cama. Tenho mais umas três malas

e, pelo menos, seis caixas no carro, sem falar da minha roupa pendurada em cabides, mas estou sem forças para tratar disso esta noite. O Corbin disse-me que voltava de manhã, por isso vou deixar essa parte para ele.

Visto umas calças de fato de treino e uma t-shirt de alças e depois lavo os dentes e preparo-me para ir para a cama. Geralmente, ficaria nervosa por saber que está um desconhecido dentro de casa, mas tenho a sensação de que não preciso de me preocupar. O Corbin nunca me pediria que ajudasse alguém que me pudesse fazer mal. O que me deixa baralhada porque, se este comportamento do Miles é habitual, não percebo bem como é que me pediu para trazê-lo para casa.

O Corbin nunca confiou nos homens que se aproximam de mim, e acho que a culpa é do Blake. Foi o meu primeiro namorado a sério, quando eu tinha 15 anos, e era o melhor amigo do Corbin. O Blake tinha 17, e tive uma paixão enorme por ele que durou meses. Claro que as minhas amigas e eu tivemos paixões incríveis por quase todos os amigos do meu irmão, só porque eram mais velhos do que nós.

O Blake vinha passar a maior parte dos fins de semana com o Corbin, e arranjávamos sempre maneira de estar juntos quando ele estava distraído. Uma coisa levou à outra e, depois de vários fins de semana às escondidas, o Blake disse-me que queria namorar comigo a sério. O que ele não antecipou foi a reação do Corbin quando me despedaçou o coração.

E se o despedaçou. Tanto quanto é possível despedaçar um coração de 15 anos, depois de duas semanas de uma relação secreta. Afinal, o Blake tinha tido umas quantas namoradas a sério durante as duas semanas que passou comigo. Quando o Corbin descobriu, foi o fim da amizade dos dois, e avisou todos os amigos para que nem pensassem em se aproximarem de mim. Foi quase impossível ter um namorado no liceu, até o meu irmão sair de casa. Mesmo assim, os rapazes tinham ouvido histórias terríveis e preferiam não chegar perto da irmã mais nova do Corbin.

Por mais que eu detestasse na altura, ia saber-me bem agora. Já tive suficientes relações falhadas desde o liceu. Vivi com o meu último namorado durante mais de um ano, até ter percebido que queríamos fazer coisas diferentes na vida. Ele queria que eu ficasse em casa. Eu queria ter uma carreira.

E aqui estou eu. A tirar o mestrado em enfermagem e a evitar as relações a todo o custo. Afinal, talvez viver com o Corbin não seja assim tão má ideia.

Volto à sala para apagar as luzes mas estaco assim que viro no corredor.

O Miles não só está de pé como está na cozinha, com a cabeça apoiada nos braços e os braços apoiados na bancada. Está sentado na ponta de um banco e parece a ponto de cair a qualquer momento. Não consigo perceber se adormeceu outra vez ou se está a tentar recompor-se.

— Miles?

Não se mexe quando o chamo pelo nome, por isso aproximo-me e ponho-lhe uma mão no ombro, para o abanar. Assim que lhe toco, solta um suspiro e senta-se direito como se o tivesse acabado de acordar de um sonho.

Ou de um pesadelo.

Levanta-se imediatamente do banco e põe-se de pé, com as pernas a tremer. Começa a balançar, por isso, ponho-lhe um braço à volta dos meus ombros e tento levá-lo para fora da cozinha.

— Vamos para o sofá, querido.

Encosta a testa à minha cabeça e vai-se arrastando ao meu lado, o que torna ainda mais difícil segurá-lo.

— O meu nome não é Querido. É Miles.

Conseguimos chegar ao sofá, e começo a tentar desembaraçar-me dele.

— Está bem, Miles. Sejas lá quem fores. Vai dormir.

Atira-se para o sofá, mas não me larga os ombros. Caio com ele e tento logo pôr-me de pé.

— Rachel, não — suplica ele, agarrando-me por um braço, tentado puxar-me para o sofá.

— O meu nome não é Rachel — digo-lhe, soltando-me da sua mão apertada. — É Tate.

Nem sei para que é que o corrijo, não é muito provável que se lembre desta conversa amanhã. Vou buscar a almofada que está no chão.

Fico parada quando lha vou dar, porque ele está virado de lado, com a cara enfiada nas costas do sofá. Está a agarrá-lo com tanta força que os nós dos dedos estão brancos. A princípio, acho que vai vomitar, mas depois percebo que estou completamente enganada.

Não vai *vomit*ar.

Está a *chor*ar.

Muito.

Tanto que nem sequer faz barulho.

Não o conheço, mas não é fácil assistir ao desgosto evidente que está a sofrer. Desvio o olhar para o corredor e depois novamente para ele, sem

saber se deva deixá-lo sozinho, para lhe dar alguma privacidade. A última coisa que quero é ficar metida no meio dos problemas de outra pessoa. Até agora, consegui manter-me afastada de toda a espécie de dramas do meu grupo de amigos. E não quero que isso mude. O meu primeiro instinto é ir-me embora, mas por alguma razão, estranhamente, sinto pena dele. A sua dor parece ser mesmo sincera e não apenas o resultado do excesso de álcool.

Ponho-me de joelhos à sua frente e toco-lhe no ombro.

— Miles?

Ele respira profundamente, e levanta lentamente a cabeça para olhar para mim. Os seus olhos são apenas um risco, e raiados de sangue. Não tenho a certeza se é de chorar ou da bebedeira.

— Desculpa, Rachel — diz ele, levantando uma mão na minha direção.

Agarra-me na parte de trás do pescoço e puxa-me para ele, enterrando a cara no espaço entre o meu pescoço e o ombro.

— Desculpa.

Não faço ideia de quem é a Rachel nem o que é que ele lhe terá feito, mas, se ele está neste estado, nem quero imaginar como estará *ela*. Sinto-me tentada a pegar-lhe no telefone, procurar o nome dela e ligar-lhe para que venha resolver esta história. Mas, em vez disso, empurro-o suavemente para o sofá. Ajeito-lhe a almofada e insisto que se encoste.

— Dorme, Miles — digo baixinho.

Tem os olhos tão carregados de sofrimento quando por fim pousa a cabeça na almofada.

— Odeias-me tanto — diz ele, segurando-me na mão.

Os olhos voltam a fechar-se e ele solta um enorme suspiro.

Fico a olhar para ele em silêncio, deixando-o agarrar-me na mão até estar sossegado e quieto, e terem parado as lágrimas. Solto-a, mas deixo-me ficar ao pé dele por mais uns minutos.

Apesar de estar a dormir, continua a parecer estar num enorme sofrimento. Tem o sobrolho franzido e a respiração irregular, sem nunca entrar num ritmo tranquilo.

Reparo pela primeira vez numa leve cicatriz, de uns dez centímetros, que lhe percorre todo o lado direito do maxilar. Só acaba a uns centímetros da boca. Sinto a enorme tentação de lhe tocar e passar o dedo por ela, mas levo antes a mão ao cabelo dele. É curto dos lados e um pouco maior em cima, na

mistura perfeita entre castanho e loiro. Faça-lhe uma festa, reconfortando-o, mesmo que possa não merecê-lo.

É possível que este tipo mereça todos os remorsos que está a sentir pelo que quer que seja que fez à tal Rachel mas, pelo menos, está a senti-los. Justiça lhe seja feita.

Apesar do que possa ter acontecido, pelo menos ama-a o suficiente para se arrepender.

capítulo dois

MILES

Seis anos antes

Abro a porta da secretaria e ponho o meu registo de presenças na mesa da funcionária.

— Tem aulas de Inglês com o Professor Clayton, não tem, Miles?

— Sim — respondo à Senhora Borden. — Quer que lhe leve alguma coisa?

O telefone começa a tocar, e ela acena, pegando no auscultador. Tapa-o com a outra mão.

— Espere só um minuto ou dois — pede ela, apontando com a cabeça na direção do gabinete do diretor. — Temos uma aluna nova que acabou de se matricular, e também tem aulas com o Professor Clayton neste período. Preciso que lhe mostre onde é a sala.

Digo-lhe que sim e sento-me numa das cadeiras ao lado da porta. Olho em volta e apercebo-me de que esta é a primeira vez nos quatro anos que já ando no liceu que me sento numa destas cadeiras. O que significa que consegui passar quatro anos sem ser chamado ao gabinete do diretor.

A minha mãe teria ficado orgulhosa, ainda que isso me deixe ligeiramente desapontado. Uma suspensão é uma experiência por que todos os rapazes devem passar pelo menos uma vez. Mas ainda tenho o último ano inteiro para o conseguir, por isso já tenho um objetivo.

Tiro o telefone do bolso, na esperança de que a Senhora Borden me veja e decida já suspender-me. Quando olho para ela, ainda está ao telefone, mas a olhar para mim. Limita-se a sorrir e volta para o que está a fazer.

Abano a cabeça, desiludido, e começo uma mensagem para o Ian. Não é preciso muito para nos deixar excitados. Nunca acontece nada.

Eu: Matriculou-se uma rapariga nova hoje. Do último ano.

Ian: É boa?

Eu: Ainda não a vi. Vou levá-la à sala.

Ian: Se for boa, tira uma foto.

Eu: OK. Já agora, quantas vezes foste suspenso este ano?

Ian: Duas. Porquê? O que é que fizeste?

Duas vezes? Preciso mesmo de ficar um bocado rebelde antes do fim do ano. A ver se entrego os trabalhos de casa atrasados ou assim.

Sou um idiota.

A porta do gabinete do diretor abre-se, por isso guardo o telefone no bolso e levanto os olhos.

Nunca mais os quero baixar.

— O Miles vai mostrar-lhe onde é a aula do Professor Clayton, Rachel.

A Senhora Borden aponta para mim, e ela começa a andar na minha direção.

Ganho imediatamente consciência das minhas pernas e da sua incapacidade para se porem de pé.

A minha boca esquece-se de como se fala.

Os meus braços esquecem-se de como se devem estender para apresentar a pessoa a quem estão agarrados.

O meu coração esquece-se de esperar para conhecer primeiro uma rapariga, antes começar a abrir caminho para fora do meu peito a fim de chegar até ela.

Rachel.

Rachel.

Rachel, Rachel, Rachel.

É como um poema.

Como a prosa das cartas de amor e as letras das músicas,

a caírem em cascata

pelo

meio

de

uma

página.

Rachel, Rachel, Rachel.

Repito este nome vezes sem conta na minha cabeça, porque tenho a certeza de que é o nome da próxima rapariga por quem me vou apaixonar. Estou de repente em pé. A avançar na direção dela. Talvez esteja a sorrir, a fingir que não me perturbam aqueles olhos verdes que espero um dia ver a sorrir só para mim. Ou aquele cabelo arruivado que parece intocado desde que Deus o criou a pensar especificamente nela.

Estou a falar com ela.

Digo-lhe que me chamo Miles.

Digo-lhe que pode vir comigo e que a vou levar à aula do Professor Clayton. Estou a olhar fixamente para ela porque ainda não abriu a boca, mas o seu aceno de cabeça é a melhor coisa que uma rapariga alguma vez me disse.

Pergunto-lhe de onde é, e ela responde-me que é do Arizona.

— Phoenix — especifica.

Não lhe pergunto o que veio fazer para a Califórnia, mas conto-lhe que o meu pai vai bastante a Phoenix, porque tem lá uns prédios.

Ela sorri.

Digo-lhe que não conheço mas que gostava muito de lá ir um dia.

Ela volta a sorrir.

Acho que responde que é uma bela cidade, mas é difícil perceber o que está a dizer quando a única coisa que oiço dentro da minha cabeça é o nome dela.

Rachel.

Vou apaixonar-me por ti, Rachel.

O seu sorriso dá-me vontade de continuar a falar, por isso faço-lhe outra pergunta, enquanto passamos ao lado da porta da aula do Professor Clayton.

Continuamos a andar.

Ela não para de falar porque eu não paro de lhe fazer perguntas.

Acena às vezes com a cabeça.

Responde a algumas coisas.

Canta um bocado.

Ou assim me parece.

Chegamos ao fundo do corredor no exato momento em que ela me diz que espera gostar desta escola porque não estava preparada para se mudar de Phoenix.

Não parece estar muito contente com a mudança.

Nem faz ideia de como eu estou contente com a mudança.

— Onde é que é a sala do Professor Clayton? — pergunta-me.
Fico a olhar para a boca que acabou de fazer a pergunta. Os lábios não são simétricos. O de cima é ligeiramente mais fino que o de baixo, mas só se percebe quando ela fala. Quando as palavras lhe saem da boca, fico a pensar porque será que as palavras soam muito melhor vindas daquela boca do que de qualquer outra.

E aqueles *olhos*. É impossível que aqueles olhos não estejam a ver um mundo muito mais belo, muito mais pacífico do que todos os outros olhos.

Fico a observá-la por mais uns segundos; então, aponto para trás de mim e respondo-lhe que já passámos a sala.

As bochechas dela coram ligeiramente, como se a minha confissão a perturbasse tanto quanto ela me perturba a mim.

Volto a sorrir.

Aponto com a cabeça em direção à sala do Professor Clayton.

Começamos a andar.

Rachel.

Vais apaixonar-te por mim.

Abro-lhe a porta e explico ao Professor Clayton que a Rachel é uma aluna nova. Também sinto vontade de acrescentar, para os rapazes que não param de olhar para ela, que não é deles.

É minha.

Mas não digo nada.

Nem preciso, porque a única pessoa que tem de saber que a quero é a *Rachel*.

Olha para mim e sorri outra vez, e vai sentar-se no único lugar vazio, do outro lado da sala.

O seu olhar diz-me que ela já sabe que é minha.

É só uma questão de tempo.

Apetece-me mandar uma mensagem ao Ian a comentar que ela não é boa.

Quero dizer-lhe que é a melhor do mundo, mas ele iria rir-se.

Em vez disso, tiro discretamente uma fotografia dela de onde estou sentado.

Mando a fotografia ao Ian numa mensagem que diz «vai ser a mãe dos meus filhos todos».

O Professor Clayton começa a aula.

O Miles Archer está obcecado.

Conheci a Rachel na segunda-feira.

Hoje é sexta.

Não voltei a falar com ela desde que nos conhecemos. Não sei porquê. Já tivemos três aulas juntos. Cada vez que a vejo, ela sorri como se quisesse que eu falasse com ela. De cada vez que ganho coragem, acabo por desistir.

Eu já fui uma pessoa confiante.

Até aparecer a Rachel.

Hoje é o limite. Se eu não arranjar coragem até ao fim do dia, vou desperdiçar a minha única oportunidade para estar com ela. As raparigas como a Rachel não ficam solteiras por muito tempo.

Se é que ela está solteira.

Não sei nada dela, nem se está comprometida com um rapaz qualquer em Phoenix, mas só há uma maneira de descobrir. Estou ao pé do cacifo dela, à espera. Ela sai da sala de aula e sorri para mim. Digo-lhe «olá» quando ela passa. Reparo na mesma alteração ligeira na cor da sua pele. Isso agrada-me.

Pergunto-lhe como correu a primeira semana. Ela responde-me que correu bem. Pergunto-lhe se já fez amigos e ela encolhe os ombros e diz:

— Uns quantos.

Sinto discretamente o cheiro dela.

Ela repara na mesma.

Digo-lhe que cheira bem.

Ela responde:

— Obrigada.

Ultrapasso o barulho do meu coração a latejar-me nos ouvidos. Ultrapasso a película de suor que se está a formar nas minhas mãos.

Afogo o seu nome, que me apetece repetir bem alto, sem parar.

Ultrapasso tudo isso e olho-a nos olhos enquanto lhe pergunto se quer fazer alguma coisa mais logo.

Seguro tudo dentro de mim enquanto fico à espera da resposta, porque a única coisa que quero é que ela diga que sim.

O que eu quero mesmo é um aceno de cabeça. Aquele que dispensa as palavras. Só um sorriso.

Não recebo o aceno de cabeça.

Já tem outros planos.

Vem tudo ao de cima multiplicado por dez, como uma inundação, e eu sou o dique. As batidas do coração, as palmas das mãos suadas, o nome dela, uma insegurança nova que eu não fazia ideia de que tinha, afundando-se no meu peito. Invade tudo e parece construir uma muralha à volta dela. — Mas amanhã estou livre — diz ela, derrubando a muralha com aquelas palavras.

Abro espaço para aquelas palavras. Muito espaço. Deixo-as invadirem-me. Absorvo aquelas palavras como uma esponja. Arranco-as do ar e engulo-as.

— Amanhã, por mim, é ótimo — respondo.

Tiro o telefone do bolso, sem sequer me preocupar em disfarçar o sorriso.

— Dá-me o teu número. Eu ligo-te.

Ela dá-me o número.

Está entusiasmada.

Ela está entusiasmada.

Guardo o número, sabendo que lá vai ficar por muito, muito tempo.

E que eu vou usá-lo.

Muitas vezes.

capítulo três

TATE

Geralmente, se eu acordasse, abrisse os olhos e visse um homem com ar zangado a olhar para mim da porta do quarto, talvez gritasse. Talvez lhe atirasse coisas. Talvez corresse para a casa de banho e me trancasse lá dentro.

No entanto, não faço nenhuma dessas coisas.

Fico também a olhar, porque não consigo perceber como é que este é o mesmo homem que desmaiou de bêbedo no corredor. Como é que este é o mesmo homem que adormeceu a chorar ontem à noite?

Este tipo é intimidante. Este tipo está zangado. Este tipo está a olhar para mim como se eu lhe devesse uma desculpa, ou uma explicação.

Mas não há dúvida de que é o mesmo sujeito porque tem vestidas as mesmas calças de ganga e a mesma t-shirt preta com que se deitou. A única diferença entre ontem e hoje é conseguir manter-se de pé sem a minha ajuda.

— O que é que aconteceu à minha mão, Tate?

Sabe o meu nome. Será que sabe porque o Corbin lhe contou que eu vinha morar para cá, ou porque se lembra mesmo de eu lhe ter dito ontem como me chamava? Espero que o Corbin lhe tenha falado de mim, porque me sinto subitamente envergonhada com a ideia de que possa lembrar-se de eu o ter consolado enquanto adormecia.

Mas, pelos vistos, não faz ideia do que lhe aconteceu à mão, e espero que isso queira dizer que não se lembra de mais nada.

Está encostado ao umbral da porta do meu quarto, de braços cruzados. Ostenta um ar defensivo, como se fosse eu a responsável pela noite terrível por que passou. Viro-me na cama, sem ter ainda acordado completamente,

apesar de parecer que ele acha que lhe devo uma explicação qualquer. Tapo a cabeça com os cobertores.

— Fecha a porta quando saíres — digo-lhe, na esperança de que perceba a dica de que já é mais que tempo de voltar para casa.

— Onde é que está o meu telefone?

Fecho bem os olhos e tento abafar o som suave da sua voz, que vai entrando pelos meus ouvidos e abrindo caminho até cada nervo do meu corpo, aquecendo-me em certos sítios que nem os cobertores conseguiram durante toda a noite.

Repito para mim própria que a pessoa a quem pertence aquela voz sensual está agora parada à porta, exigindo coisas num tom arrogante, sem reconhecer ao menos que o ajudei ontem à noite. Gostaria de saber onde está o meu *Obrigado*. Ou o meu *Olá, sou o Miles. Muito prazer*.

Mas não recebo nada disso. Está demasiado preocupado com a mão. E, pelos vistos, também com o telefone. Demasiado preocupado consigo mesmo para se importar com a quantidade de pessoas que incomodou ontem. Se este tipo e este comportamento vão ser meus vizinhos durante os próximos meses, o melhor é pôr já tudo na ordem.

Afasto os cobertores e levanto-me, e depois avanço até à porta e olho-o nos olhos.

— Faz-me um favor e chega-te para trás.

Surpreendentemente, ele obedece. Continuo a olhá-lo fixamente até lhe fechar a porta na cara, e ficar a olhar para a parte de trás. Volto para a cama a sorrir. Deito-me e tapo a cabeça com os cobertores.

Ganhei.

Já disse que acordo sempre maldisposta de manhã?

A porta volta a abrir-se.

Escancarada.

— Mas qual é o teu problema? — grita ele.

Balucio qualquer coisa e sento-me direita na cama, a olhar para ele. Está outra vez parado à porta, com o mesmo olhar, como se eu lhe devesse alguma coisa.

— És tu — grito-lhe de volta.

Parece ficar verdadeiramente chocado com a minha resposta brusca, o que me faz sentir mal. Mas é *ele* que está a ser um idiota!

Acho eu.

Foi ele que começou.

Acho eu.

Olha-me fixamente por uns segundos, e depois inclina ligeiramente a cabeça para a frente e franze o sobrolho.

— Nós... — começa ele, apontando o dedo para trás e para a frente, entre mim e ele. — Estivemos juntos ontem à noite? É por isso que estás irritada?

Rio-me quando percebo que a minha impressão inicial está confirmada. É *ele* que está a ser um idiota.

É fantástico. Vou ser vizinha de um tipo que apanha bebedeiras desconhecidas em dias de semana e, claramente, traz tantas raparigas para casa que nem sequer se lembra se se deitou com elas ou não.

Abro a boca para responder, mas sou interrompida pelo barulho da porta de casa a fechar-se e a pela voz do Corbin a gritar:

— Tate?

Salto imediatamente da cama e corro para a porta, mas o Miles não se desviou do meu caminho, a olhar para mim, à espera de uma resposta à sua pergunta. Encaro-o e dou-lhe uma resposta, mas o seu olhar apanha-me desprevenida por um instante.

São os olhos azuis mais claros que já vi. Nada têm a ver com os olhos pesados e raiados de sangue de ontem à noite. São de um azul tão límpido que são quase transparentes. Continuo a olhá-los, quase à espera de ver ondas se observar com atenção. Diria que são de um azul tão claro como as águas dos mares das Caraíbas, mas a verdade é que nunca estive nas Caraíbas para comparar.

Ele pisca os olhos, o que me afasta imediatamente das Caraíbas e traz-me de volta a São Francisco. De volta a este quarto. De volta à última pergunta que me fez antes que o Corbin entrasse em casa.

— Não sei bem se o que fizemos ontem se pode considerar *estarmos juntos* — segredo-lhe.

Olho-o nos olhos, à espera de que saia do meu caminho.

Ele estica-se ainda mais, criando uma muralha invisível com a sua postura e a sua rígida linguagem corporal.

Pelos vistos, não lhe agrada a ideia de podermos ter ido para a cama, tendo em conta o olhar severo que me lança. Quase parece que está a olhar para mim com nojo, o que me faz gostar ainda menos dele.

Não me afasto, e nenhum de nós quebra o contato visual quando ele se afasta para o lado para me deixar passar. O Corbin está a dar a volta no corredor

quando saio do quarto. Fica a olhar tanto para mim como para o Miles, e eu lanço-lhe rapidamente um olhar que lhe diz que não há sequer a mais remota possibilidade.

— Olá, mana — diz ele, puxando-me para me abraçar.

Não o vejo há quase seis meses. Às vezes, é fácil esquecer o quanto sentimos a falta de certas pessoas até voltarmos a vê-las. Não é esse o caso com o Corbin. Sinto sempre a sua falta. Ainda que o seu sentido de proteção possa ser por vezes um pouco irritante, também é uma demonstração do quão próximos somos.

O Corbin solta-me e agarra-me uma madeixa de cabelo.

— Está mais comprido — diz ele. — Gosto.

Nunca tínhamos passado tanto tempo sem nos vermos. Passo a mão pela madeixa de cabelo que lhe cai pela testa.

— O teu também — digo eu. — E *não* gosto.

Sorrio, para ele perceber que estou a brincar. A verdade é que gosto de vê-lo com o cabelo mais revoltado. Sempre nos disseram que somos muito parecidos, mas não consigo ver isso. A sua pele é muito mais escura que a minha, de uma cor que sempre invejei. Temos o cabelo do mesmo tom de castanho, mas os nossos traços da cara são completamente diferentes, especialmente os olhos. A minha mãe costumava dizer que, se juntássemos os nossos olhos, iriam parecer tal e qual uma árvore. Os olhos dele, verdes como as folhas, e os meus, castanhos como o tronco.

Sempre senti ciúmes de ele ser as folhas da árvore, porque, quando eu era pequena, o verde era a minha cor preferida.

O Corbin cumprimenta o Miles com um aceno de cabeça.

— Então, meu? Tiveste uma noite difícil, foi?

Faz a pergunta a rir, como se soubesse exatamente que tipo de noite é que teve o Miles.

O Miles passa por nós.

— Não sei — responde ele. — Não me lembro de nada.

Vai até à cozinha e abre um armário, tirando uma chávena como se estivesse em casa.

Não me agrada.

Não gosto deste Miles que se sente em casa aqui.

O Miles que se sente em casa abre outro armário e tira uma caixa de aspirinas, enche a chávena de água e põe dois comprimidos na boca.

— Já trouxeste as tuas coisas todas para cima? — pergunta-me o Corbin.

— Não — respondo-lhe, lançando um olhar ao Miles. — Passei a noite toda ocupada com o teu vizinho.

O Miles aclara nervosamente a voz, enquanto lava a chávena e a volta a guardar no armário. O seu desconforto perante as falhas de memória dá-me vontade de rir. Agrada-me a ideia de ele não saber o que aconteceu ontem à noite. Também me agrada saber que o irrita a possibilidade de termos estado juntos. Sou capaz de manter esta dúvida durante algum tempo, só para me divertir.

O Corbin olha para mim como se adivinhasse o que me está a passar pela cabeça. O Miles sai da cozinha e observa-me, e depois ao Corbin.

— Já teria ido para casa, mas não consigo encontrar as minhas chaves. Tens umas a mais?

O Corbin acena com a cabeça e vai até uma gaveta da cozinha. Abre-a, pega na chave e atira-a ao Miles, que a apanha no ar.

— Podes voltar daqui a uma hora, para me ajudar a trazer as coisas do carro da Tate para cima? Quero tomar um duche primeiro.

O Miles responde com um aceno de cabeça, mas lança-me novamente um olhar, enquanto o Corbin sai para o quarto.

— Já falamos melhor quando não for tão de manhã — diz-me o Corbin.

É verdade que já não vivemos juntos há sete anos, mas parece que ainda se lembra de que não sou grande conversadora pela manhã. É uma pena que o Miles não saiba isso sobre mim.

Quando o Corbin desaparece dentro do quarto, volto-me outra vez para encarar o Miles. Já está a olhar para mim com um ar expectante, como se continuasse à espera de uma resposta para as perguntas que me fez há bocado. Só quero que ele se vá embora, por isso respondo a todas de uma só vez.

— Ontem à noite, quando cheguei, estavas desmaiado no corredor. Não fazia ideia de quem tu eras, por isso, quando tentaste entrar cá em casa, é possível que te tenha acertado com a porta na mão. Não está partida. Eu confirmei. No máximo, vais ficar com uma nódoa negra. Basta pões um bocado de gelo durante umas horas. E não, não estivemos juntos ontem à noite. Ajudei-te a entrar cá dentro, e depois fui para a cama. O teu telefone está no chão ao pé da porta, onde o deixaste cair, porque estavas demasiado bêbedo para andar.

Viro-me para ir para o meu quarto, porque só me quero afastar da intensidade daquele olhar.

Quando chego à porta do quarto, volto a virar-me.

— Quando voltares daqui a uma hora, e eu já tiver tido hipótese de acordar, podemos tentar isto outra vez.

Tem o maxilar rígido.

— Começar *o quê* outra vez?

— Começarmos com o pé direito.

Fecho a porta do quarto, criando uma barreira entre mim e aquela voz.

Aquela *olhar*.

— Quantas caixas é que tens? — pergunta o Corbin.

Está a calçar os sapatos ao lado da porta. Pego nas minhas chaves.

— Seis, mais três malas e toda a minha roupa pendurada em cabides.

O Corbin atravessa o corredor e vai bater na porta em frente, depois vira-se e avança para os elevadores. Carrega no botão para descer.

— Disseste à mãe que tinhas chegado bem?

— Sim, mandei-lhe uma mensagem ontem à noite.

Oiço a porta do apartamento abrir-se, no momento em que chega o elevador, mas não me viro para o ver sair. Entro e o Corbin fica a segurar a porta para o Miles.

Assim que ele aparece, perco a guerra. A guerra que nem sequer sabia que estava a travar. Não acontece muitas vezes, mas, quando acho um tipo atraente, o melhor é isso suceder com alguém com quem eu *queira* que isso aconteça.

O Miles não é a pessoa por quem eu quero sentir isto. Não quero estar atraída por um tipo que apanha bebedeiras até se esquecer das coisas, que chora por outras raparigas, e que nem sequer se lembra se foi para a cama comigo ou não na noite anterior. Mas é difícil não reparar na sua presença quando a sua presença se torna tudo.

— Acho que duas viagens chegam — diz o Corbin ao Miles, enquanto carrega no botão para o rés do chão.

O Miles está a olhar fixamente para mim, e não consigo avaliar o que está a pensar, porque ainda parece zangado. Olho também para ele, porque, por mais bonito que ele possa parecer com aquela atitude, continuo à espera do agradecimento que ainda não recebi.

— Olá — diz ele, por fim.

Aproxima-se e, ignorando completamente as regras tácitas de etiqueta dos elevadores, fica demasiado perto de mim e estende a mão.

— Miles Archer. Moro no apartamento em frente ao vosso.

Estou baralhada.

— Acho que já tínhamos percebido isso — respondo, olhando para a sua mão esticada.

— Começar de novo — diz ele, arqueando uma sobrancelha. — Com o pé direito?

Ah, sim. Eu disse-lhe isso.

Aperto-lhe a mão.

— Tate Collins. Sou a irmã do Corbin.

A maneira como ele se afasta para trás e continua a olhar-me fixamente deixa-me algo desconfortável, uma vez que o Corbin está mesmo aqui ao meu lado. Mas parece nem ligar. Está a ignorar-nos aos dois, ocupado com o seu telefone.

O Miles deixa finalmente de olhar para mim e tira o telefone do bolso. Aproveito para observá-lo melhor enquanto não me está a prestar atenção.

Chego à conclusão de que a sua aparência é completamente contraditória. É como se tivessem estado dois criadores em guerra quando o imaginaram. A solidez da sua estrutura contrasta com a suavidade convidativa dos seus lábios. Parecem inocentes e disponíveis, comparados com a aspereza das suas feições e a cicatriz irregular que lhe percorre todo o lado direito do maxilar.

O cabelo parece não conseguir decidir-se se é castanho ou loiro, ondulado ou liso. A sua personalidade vai saltando entre a afabilidade e a indiferença insolente, o que me impede de distinguir as partes boas das más. A sua atitude descontraída não joga com a ferocidade que vejo no seu olhar. A sua compostura desta manhã contradiz a embriaguez da noite passada. Parece não ser capaz de decidir se quer olhar para o telefone ou para mim, porque vai saltando entre um e outro, até que a porta do elevador se abre.

Desvio o olhar e sou a primeira a sair. O Comandante está sentado na sua cadeira, sempre atento. Olha para nós os três a sair do elevador e agarra-se com força aos braços da cadeira, pondo-se de pé, devagar e a tremer. Tanto o Corbin como o Miles o cumprimentam com um aceno e seguem em frente.

— Como é que foi a sua primeira noite, Tate? — pergunta-me ele com um sorriso, fazendo-me parar a meio do caminho.

Não me surpreende que já saiba o meu nome, uma vez que ontem à noite já sabia para que andar é que eu ia.

Olho para a parte de trás da cabeça do Miles, que continua a andar sem mim.

— Bastante agitada, na verdade. Acho que o meu irmão não soube escolher muito bem as companhias.

Olho para o Comandante, que agora também está a olhar para o Miles. Os seus lábios enrugados comprimem-se numa linha fina, e abana ligeiramente a cabeça.

— Ah, pobre rapaz. Aquilo é mais forte que ele — diz ele, ignorando o meu comentário.

Não sei se estará a falar do Corbin ou do Miles quando diz «pobre rapaz», mas também não pergunto.

O Comandante vira-se de costas e começa a andar em direção às casas de banho da entrada.

— Acho que já mijei nas calças — murmura ele.

Vejo-o desaparecer para dentro da casa de banho, a pensar em que ponto da vida de uma pessoa é que somos demasiado velhos para deixarmos cair os filtros. Se bem que o Comandante parece ser do tipo de homem que nem sequer alguma vez *teve* filtros. Gosto disso nele.

— Tate, anda! — grita o Corbin do outro lado da entrada.

Vou ter com eles e depois mostro-lhes onde estacionei o carro.

São precisas três viagens para levar tudo para cima, não duas.

Três viagens inteiras em que o Miles não volta a dirigir-me a palavra.

Depois de se conhecer o lado cruel do amor, será possível viver um amor verdadeiro?

Tate é enfermeira e muda-se para São Francisco, para casa do irmão Corbin, para estudar e trabalhar. Miles é piloto-aviador e mora no mesmo prédio de Corbin. Depois de se conhecerem de forma atribulada, Tate e Miles acabam por se aproximar e dar início a uma relação exclusivamente física. Para que esta relação exista, Miles impõe a Tate duas regras:

«Não faças perguntas sobre o meu passado. Não esperes um futuro.»

Tate aceita o desafio de manter uma relação distante, sem nenhum compromisso, nem sequer o da amizade. A relação alimenta-se assim da atração mútua entre os dois.

Miles nunca fala de si nem do seu passado, e comporta-se perante Tate de acordo com as regras que ele definiu. Será Miles capaz de desvendar o que se esconde por detrás desta necessidade tão grande de se distanciar emocionalmente dos outros?

E poderá algo tão cruel transformar-se numa relação bonita e duradoura?

«Colleen Hoover constrói um mundo surpreendente
de dois jovens que descobrem o amor maduro.»

Booklist

«Só Colleen Hoover tem a capacidade de incluir tanto esplendor num romance.»

Jamie McGuire, autora bestseller



Veja o vídeo de
apresentação
deste livro.

www.topseller.pt

**TOP
SEL
LER**

os livros em primeiro lugar

2020 editora

ISBN 978-989-8800-57-2



9 789898 800572

Ficção Romântica